

Rodas de Leitura: Contos favorecendo a inclusão em sala de aula do ensino fundamental I

Amanda, FERREIRA

Ana Carolina, DIAS da COSTA

RESUMO

Este trabalho aborda a construção do hábito de ler através da leitura dos contos de Andersen, pertencentes ao gênero textual denominado contos de fadas. O trabalho foi desenvolvido em Rodas de Leituras com alunos do 2º ano do turno da tarde numa escola da rede de ensino municipal de João Pessoa - PB; As ações desenvolvidas visaram não só a inclusão de alunos especiais em sala de aula regular, como colaboraram para a construção do hábito de leitura para os alunos pesquisados e aproximação dos alunos ditos “normais” com uma aluna com deficiência na sala de aula. discute o conceito de hábito de leitura através de uma análise tanto dos pressupostos teóricos que abordam e estuda tal fenômeno como também através da experiência com a vivência da construção do hábito de leitura dos alunos pesquisados.

Palavras-Chave: Hábito de Leitura. Inclusão. Contos de Andersen.

A inclusão através da leitura em sala de aula

Vivemos num período em que a inclusão é discutida, vivenciada e criticada por aqueles que a acham algo não aceitável na sociedade e por aqueles que acreditam na inclusão, mas a veem de forma confusa.

Nas escolas não é diferente; só começou acontecer alguma coisa depois da Declaração de Salamanca¹ (1994). Todas as escolas regulares, seja da rede pública ou privada, têm a obrigação de aceitar crianças (alunos) com necessidades especiais, ou simplesmente ditos pela sociedade de anormais², por não apresentarem padrões estéticos, cognitivos, sexuais, físicos, religiosos e etc., considerados perfeitos e certos pela sociedade.

Na sala de aula pesquisada relatada aqui, a inclusão é feita de forma equivocada e

¹ Declaração proposta pela UNESCO, cujo objetivo visava marcar metas e propostas para a Educação Especial aos países que possuíam índices baixos de alfabetização para alunos especiais na época. Tal Declaração foi considerada um marco histórico para a educação Especial, pois através deste documento a Educação Inclusiva ganha mais amparo.

² Com base nos estudos de Foucault, o termo anormal é utilizado por ele para designar todos aqueles que são considerados diferentes pelos padrões estéticos morais, éticos e físicos determinados pela sociedade.

banalizada, gerando apenas a exclusão da aluna, ou seja, a inclusão acontece apenas na matrícula dos alunos “anormais”, pois estes não são inclusos na sala de aula; na hora do recreio, nas festas escolares e etc.

Deve haver um processo de inclusão adequado, trabalhando não só o aluno considerado marginalizado ou “anormal”, como os alunos ditos “normais”, mostrando que conviver com diferente é algo novo e natural, sempre havendo o respeito, isso a meu ver é, de fato, a inclusão. Mas o que é vivenciado na escola, na qual fiz a pesquisa, é totalmente diferente, os alunos, agora denominados de “alunos com necessidades especiais”³, ou simplesmente alunos especiais, são muitas vezes largados na sala de aula, nunca acompanham as dinâmicas pedagógicas. Seu processo cognitivo, por ser diferenciado dos outros, é desvalorizado e desrespeitado, são alvos de Bullying⁴ entre os outros alunos “normais”.

Porém, nosso sistema de ensino apresenta leis e diretrizes específicas que abordam e discutem a Educação Especial nas escolas regulares. Principalmente sobre a inclusão. Uma destas leis é a LDBEN/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), um marco na nossa história para a educação, que apresenta um capítulo dedicado à Educação Especial. Porém, os artigos da LDBEN/96 ainda não são executados; a inclusão ainda permanece no papel, não é definitivamente praticada nas escolas regulares.

Além dos problemas supracitados, há a questão do despreparo dos funcionários e professores perante os alunos especiais; estes profissionais não são preparados pelas escolas regulares e instituições superiores de ensino, de licenciaturas, e acabam sem mecanismos e meios de incluir e, ao mesmo tempo, educar os alunos especiais, gerando, assim, muitas vezes, interpretações errôneas dos professores na maneira de educar, de se relacionar com os alunos especiais.

A inclusão na sala de aula não é alcançada e o aluno especial é excluído da sala, esquecido, visto como uma aberração que deveria estar na FUNAD, ao invés de estar na escola regular, um estorvo para os professores que ganham pouco e ensinam muitos alunos.

³ Desde o surgimento da Educação Especial o termo “alunos com necessidades especiais” é usado, para designar e enquadrar todas as deficiências, síndromes, doenças, distúrbios e etc. Este termo tem sido ao foi ao longo dos tempos bastante discutido e mutável. Atualmente o termo mais politicamente adequado é o aluno com necessidades especiais, ou simplesmente, aluno com deficiência.

⁴ Termo em inglês para brigas, xingamento, ofensas, humilhações físicas e verbais, feitos repetidamente por alunos ou gang de escola, com um propósito que é a violência gratuita em alunos considerados fracos ou diferentes.

Um fator determinante para a não-inclusão na sala de aula é derivado da desvalorização da profissão do professor, o qual recebe um baixo salário; principalmente o professor das séries iniciais do Ensino Fundamental, em sua grande maioria mulheres que cumprem uma dupla jornada, pois, além de trabalhar, tem que dar conta das atribuições domésticas (ser mãe, ser dona de casa e, muitas vezes, ser pai).

Isso culmina com um desgaste do professor que dispõe de pouco tempo para a realização de cursos de aperfeiçoamento e aprofundamento, como também cursos que possibilitem um treinamento específico para educar alunos especiais. O professor, sem capacitação e, muitas vezes, arredio com o ingresso dos alunos especiais na sala de aula, não só exclui como também pratica inconscientemente o racismo e incentiva os alunos a praticarem o Bullying com o aluno especial.

Essa exclusão de alunos especiais nas escolas regulares e a falta de preparo por parte dos professores ocorrem pelo processo histórico da educação dos alunos especiais, pois estes antes frequentavam apenas as instituições de natureza clínico-médica e psiquiátrica. E nesses locais ocorria o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que as escolas regulares sempre estiveram à parte da educação de alunos especiais.

Uma das inúmeras maneiras que a Pedagogia criou para melhorar o resultado do processo ensino-aprendizagem dos alunos com necessidades especiais foi por meio do uso da leitura de contos e histórias infantis, não só como forma de terapia, como também como uma atividade pedagógica e geradora do hábito de leitura. Através das contações de histórias infantis percebemos o quanto este recurso auxilia a criança (aluno) especial a superar situações não só emocionais como psicológicas, pois o livro infantil traz nas suas histórias temas e aventuras em que os personagens enfrentam e superam seus conflitos.

Com base nessas ideias e na defesa das narrações de histórias infantis, especialmente os contos de fadas na sala de aula, como sendo um princípio para a criação do hábito de leitura e também uma terapia para os alunos especiais que sofrem emocionalmente e psicologicamente na escola regular, esta pesquisa foi elaborada. Através da narração dos principais e mais conhecidos Contos de Andersen, considerado o pai da literatura infantil universal, para a realização das rodas de leitura na sala de aula pesquisada.

As rodas de leituras, além de valorizar a narrativa de história infantil (no caso

contos de fadas), vão possibilitar aos alunos a construção do hábito de leitura e, principalmente, aproximar os alunos pesquisados, ditos normais, com a aluna especial pesquisada, ou seja, promover nos alunos a conscientização de que todos os indivíduos são diferentes, e o respeito às limitações e dificuldades dos alunos com necessidades especiais.

A inclusão da aluna especial na roda de leitura ocorria, não só pela sua aproximação com os outros alunos, já citados no texto, como também pela sua participação nas rodas de leitura, quando esta era questionada sobre os acontecimentos que envolviam os personagens ao longo de suas aventuras. A referida aluna especial deixava de ser a diferente nas horas das rodas de leitura, pois era a única que verdadeiramente se envolvia e se emocionava com os contos, comportamento diferente do que apresentava durante a aula tradicional, onde a aluna não interagia com nada e ninguém.

A partir da ideia de incluir através das rodas de leitura, utilizando os contos de Andersen, nossos principais objetivos eram o de resgatar os contos de Andersen; mostrar às novas gerações os clássicos contos de fadas, para que eles perpetuem nesse século, como também os contos de Andersen, que contribuem para a construção do hábito de leitura junto aos alunos.

Além de mostrar para os alunos, considerados normais e perfeitos, que ser diferente, ser anormal ou mesmo especial não é característica dos alunos (indivíduos) com necessidades especiais e sim de todos nós, ou seja, todas as pessoas são especiais, por serem diferentes, por serem “anormais” e isso é bom, porque se todo mundo fosse igual o mundo não seria interessante. Como cita Carvalho (2000, p.17): “A diferença não é uma peculiaridade das pessoas com deficiência ou das superdotadas, todos somos absolutamente diferente uns dos outros e de nós mesmos, á medida que crescemos e nos desenvolvemos. Somos todos especiais”.

Caracterização da sala de aula pesquisada

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede municipal intitulada de “Escola Pesquisada”, situada no bairro dos Bancários no município de João Pessoa - PB. A escola se encontra nos domínios da Aldeia S.O.S Criança, precisamente no terreno dos fundos, pois o antigo Edifício da escola estava sob reforma durante o período de 2009 e início de 2010.

A biblioteca é de fato um grande espaço para abrigar não só os livros, como também mesas e cadeiras; ou seja, a biblioteca da escola é ao mesmo tempo sala de leitura e biblioteca. Os livros são pertencentes à Aldeia S.O.S. Criança e, por serem da Aldeia, são todos doados. Sendo assim, a maioria dos livros é destinada aos alunos do fundamental II (adolescentes e adultos da EJA). Os livros destinados aos alunos do Fundamental I (do 1º ao 5º) são poucos e desgastados, contribuindo para que os alunos do Fundamental I não frequentem a biblioteca. Além disso, os professores não elaboraram projetos de leitura para com os alunos do Fundamental I.

Outro fato observado durante a pesquisa, sobre a biblioteca de projetos pedagógicos de leitura, foi que além da biblioteca não dar muito suporte para os alunos, a coordenação da escola não apoiava os professores na elaboração de projetos ou quaisquer atividades pedagógicas de leituras.

Nem os alunos e até mesmos professores infelizmente não apresentaram interesse pela leitura.

A sala de aula pesquisada era de 2º ano “D” (antiga 1º série) do turno da tarde. Nessa turma, o número de alunos frequentadores regulamente era de 19 crianças com a faixa etária de 6-12 anos, porém, a grande maioria dos alunos tinha 7 anos. Os alunos eram 7 meninas e 12 meninos.

A situação socioeconômica dos alunos pesquisados era de baixa renda. Havia uma aluna de 12 anos que era especial (autismo) residente da aldeia. Por não ter pais ou responsáveis legais, ela era cuidada por uma “mãe social”.

Os alunos pesquisados são residentes dos bairros populares que rodeiam a Aldeia S.O.S Criança. Quatro alunos residiam no bairro Quadramares, 3 alunos residiam no bairro Cidade Verde, 5 alunos residiam no bairro Mangabeira, 2 alunos do bairro Bancários, 1 aluno do bairro da Penha, 1 aluno da Comunidade Coqueiral e 2 alunos residentes no bairro José Américo. Filhos de trabalhadores autônomos, empregadas domésticas, pedreiros e comerciantes de pequeno porte. Sendo uma aluna registrada no programa governamental da Bolsa Escola.

O nível de alfabetização dos alunos pesquisados é 4 (com base nas aplicações da Provinha Brasil 2009, aplicadas por esta pesquisadora, por determinação da Secretaria da Educação e Cultura do Município e norma do estágio.)

Porém, dos 19 alunos, apenas 3 discentes apresentaram nível 2 de alfabetização. Foram 2 meninos e 1 menina. Destes dois alunos, 1 por ter na época 6 anos e por não ter sido alfabetizado (cursado o 1º ano), outro aluno por ter muitas faltas e a menina, por ser a aluna especial da Aldeia. Mas apesar destes três alunos, a grande maioria estava no nível 3 de alfabetização, considerado bom (para os critérios da provinha Brasil são quatro níveis para alfabetização). A turma teve fácil entendimento e compreensão não só das atividades que envolviam leitura e escrita, como também da narração e leitura de livros infantis.

A inclusão da turma no que diz respeito à integração com alunos especiais (portadores de doença mental, deficiência mental, visual, auditiva e motora) era pouca, pois apenas a professora fazia a inclusão, porém os alunos não. Rejeitavam a colega por ela ser diferente, bem mais velha e por ser aldeã. A aluna que tinha uma deficiência que desconhecíamos também rejeitava seus colegas de classe, apresentava dificuldades de socialização, tendo apenas interação com professora e a estagiária.

A deficiência mental da aluna era bastante discutida na sala de aula, tanto por mim, como estagiária, quanto pela professora, pois não havia diagnóstico confirmando se ela era ou não autista por um neurologista. Essa aluna não frequentava a FUNAD (Fundação Centro Intregado de Apoio ao Portador de Deficiente), APAE (Associação de Pais de Alunos Especiais), *Pestalozzi* ou AMA, nem especialista. Mas era evidente que ela era, e ainda é, uma aluna especial, que realmente precisa de ajuda.

A construção do hábito de leitura na sala de aula

Através do projeto de APOIO PEDAGÓGICO NA LEITURA, ESCRITA E MATEMÁTICA, elaborado pela UFPB (curso de Pedagogia) com a parceria da Prefeitura de João Pessoa, fui designada, (autora 1) como estagiária para a turma do 2º ano no turno da tarde na escola Pesquisada.

Depois de observar os alunos e a falta de incentivo pela escola à leitura, iniciei outra observação de 1 mês para saber dos alunos se eles tinham hábitos de leitura, o tipo de leitor que eles eram, seu nível de leitura, se havia incentivo à leitura em casa, se os pais liam em casa. No final dessa observação, através das conversas, dos diálogos na hora do recreio, com os alunos, na fila do lanche, na hora da saída, nas idas com os alunos no ônibus da prefeitura, por meio das conversas, concluí que não havia hábito de ler nos alunos, não

existia interesse pelos livros, muito menos nível de leitura, pois os pais não incentivam seus filhos ao universo da leitura, não compram revistas em quadrinhos ou livros infantis, não lêem em casa livros, jornais, revistas. Apenas passam a responsabilidade de construir o interesse pela leitura para a escola, achando que só a escola educa, molda e conscientiza os alunos. Com isso, os pais tiram de si a responsabilidade de educar também em casa – a chamada “educação doméstica”.

A organização das rodas de leitura seguiam o seguinte padrão: os alunos sentavam em círculo no chão, daí eu discutia um tema do cotidiano do aluno, ou assunto de português, em seguida lia a história do livro relacionando a história com o tema abordado e, no final, sempre perguntava se gostaram da história, o que poderia ser mudado na história, se eles queriam sugerir um final diferente para a história.

Nas primeiras rodas de leitura, foram utilizados os livros da Coleção da Bruxa Onilda, *Contos folclóricos do mundo*⁵ (livros pertencentes à biblioteca da escola). Depois utilizei a narração oral dos contos dos irmãos Grimm, porém estas histórias a professora não via com “bons olhos”, pois ela achava muito “pesado” para os alunos.

Partindo das primeiras impressões da turma, escolhi utilizar os contos de Andersen por três motivos: O primeiro, por não ser tão “pesado” para os alunos e não ser censurado pela professora. O segundo motivo, pelo fato de que os contos de Andersen associam fantasia com a realidade da criança, denuncia de forma infantil e singela a dura realidade da condição de ser criança num mundo frio e “adulto”. E o terceiro motivo, pelos alunos gostarem das histórias de Andersen e poder trabalhar a inclusão na sala de aula em relação à interação entre a aluna especial e seus colegas, uma vez que essa aluna amava a história da Pequena Sereia de Andersen

Por que será que eles não tinham essa construção de hábito de leitura, ou seja, esse interesse pela leitura, se era evidente que a narração das histórias despertava a curiosidade nos alunos pesquisados? Esta pergunta se dá pela formação do hábito pela nossa sociedade, como ela cria o hábito nas pessoas através das relações de poder e sociais que regem a própria sociedade. Essa criação é uma maneira de dominar e socializar o indivíduo para que este possa viver na sociedade, sendo assim, o hábito é uma criação social de dominação e

⁵ Livro Intitulado *Contos folclóricos do mundo* que reunia história folclórica de vários países, este livro é de uma editora desconhecida, por não apresentar informações sobre a editora e o autor.

aceitação dos valores e padrões sociais impostos pela sociedade, enquanto o hábito de leitura não pensado em conscientizar as pessoas é outra forma de dominação de uma sociedade letrada.

Infelizmente, para o ser humano criar o hábito, ele deve ser estimulado desde a infância, através da observação, interação e troca de saberes resultantes das relações de convívio dos indivíduos com o que produzem ao longo da vivência na sociedade. Ou seja, o hábito é um determinado comportamento aceito e padronizado elaborado pela sociedade e aceito como certo para se agir na mesma, essa hábito é construído sempre na forma de atos ideologicamente inculcados no nosso convívio determinados corretos através dos chamados aparelhos ideológicos do estado.

Tais aparelhos ideológicos criam o hábito no indivíduo para conviver na sociedade e respeitar a ordem do Estado. A família e a escola são dois grandes aparelhos ideológicos do estado. Estes dois aparelhos impõem saberes e atos ditos verdadeiros para melhor convívio na sociedade. Caso o indivíduo não assimile essa construção de saberes e ações ideológicas formadas e aceitas pela sociedade, ele passa a ser discriminado pela própria sociedade. No caso do hábito de leitura, se as crianças não tiveram esse hábito e não querer ler ou não sabem ler, ocasionado pelo não interesse dos pais e descaso da escola, esta criança (aluno) vai crescer e se tornar um indivíduo não leitor, um analfabeto-funcional, um adulto em uma condição que sofre numa sociedade letrada constantemente mutável em relação de linguagem com novos códigos e símbolos linguísticos, resultando, até mesmo, na sua eliminação na competição do mercado de trabalho neoliberal flexível. As teorias sociológicas de Bourdieu (2008, pp. 56-57) explicam melhor essa relação de poder entre a dominação dos indivíduos na sociedade através do que ele chama de hábito imposto na sociedade: “Na sociedade existem dois trabalhos pedagógicos, (...) TP primário (família), e (...) o TP secundário (...), onde depende do sucesso do TPP para o TPS dominar os indivíduos (...), Através do habitus.”.

Por isso o hábito de leitura tem que ser efetivado nas crianças desde cedo, pois nossa sociedade é uma sociedade que valoriza a escrita e a decodificação de símbolos e códigos, sejam linguísticos ou outros tipos de códigos. Então, há essa necessidade da leitura para o convívio social. E o hábito de leitura vai muito mais além do que decodificar os símbolos linguísticos, é entender o que o autor quer passar com manuscritos, o real

significado da leitura e ter outras leituras de mundo e interagir com o mundo, com a sociedade. Ela que é um “texto” e o convívio social é uma “leitura”.

E aqueles impossibilitados de ler e decodificar os símbolos, os códigos linguísticos ou simplesmente interpretá-los são excluídos da sociedade. Denominados de analfabetos e analfabeto-funcionais, são taxados de incapazes, anormais até mesmo chamados de inúteis numa sociedade capitalista, neoliberal, meritocrática e letrada. Com um sistema excludente os tornando incapazes para o mercado de trabalho e assim inúteis para a sociedade, por não produzirem e consumirem.

Para nossa sociedade o que importa é mesmo a decodificação e assimilação dos códigos, não importando se o indivíduo compreende os símbolos e os códigos linguísticos, basta apenas decodificar e se está apto para o mercado de trabalho flexível imposto pelo regime neoliberal adotado pelo capitalismo. Nossa sociedade não se preocupa com a construção de um hábito de leitura crítico que possibilita o leitor enxergar além da decodificação dos símbolos, que este possa perceber sua realidade e possa mudá-la, pois assim a classe dominante pode manipular a classe popular, os dominados.

A própria criação do hábito sendo um ato ou maneira correta é uma estratégia da classe dominante para manipular a classe popular. O hábito de leitura é preciso na nossa sociedade, pois esse hábito é facilmente criado pela classe dominante, enquanto a classe dos dominados raramente apresenta indivíduos envolvidos com hábitos de leitura.

Esse mecanismo é dado através do discurso da leitura, dos livros que são pertencentes a um hábito exclusivo da elite, enquanto que os dominados não podem dominar a leitura, pois têm que ingressar cedo no mercado de trabalho.

Por isso, teoricamente os alunos do 2º ano da Escola Pesquisada não têm esse hábito de leitura, porque são pertencentes à classe dos dominados, sendo assim, a leitura é algo distante na sua realidade, apesar do grande interesse dos alunos pelos contos. Através das rodas de leituras, os alunos imaginavam os personagens, descobriam novos mundos, outras realidades, percebiam que tanto eles quanto os personagens das histórias tinham semelhanças. Ao narrar os contos de Andersen, os alunos pesquisados viam a semelhança da sua realidade com situações que os personagens viviam nas histórias.

Considerações Finais

Ao final das rodas de leituras com os contos de Andersen, foi possível verificar que o hábito de leitura desses alunos estava aumentando; alguns alunos com um hábito no início, em outros momentos, em um estágio mais avançado; contudo, o que importa é a escola estimular o hábito da leitura, pois a escola não contribuiu em nada com a construção desse hábito junto às crianças. Durante a pesquisa, apenas a pesquisadora (estagiária) que estimulava e criava o hábito nos alunos, até mesmo a professora ajudava pouco. Os pais não tinham interesse pela leitura por pertencerem à classe econômica mais baixa, ou seja, uma desculpa criada pela sociedade por achar que ser pertencente à classe popular é sinônimo de ser “burro”, “não leitor” e “não gostar de ler”. Porém, concluímos que sim, a classe popular gosta de ler, tem interesse pela leitura, porém não há oportunidades, nem acesso adequado aos livros.

. Através das rodas de leituras, os alunos imaginavam os personagens, descobriam novos mundos, outras realidades, percebiam que tanto eles quanto os personagens das histórias tinham semelhanças. Ao narrar os contos de Andersen, os alunos pesquisados viam a semelhança da sua realidade com situações que os personagens viviam nas histórias.

Importante mencionar que especialmente a educação inclusiva, não é uma ciência, ou uma teoria pedagógica e sim proposta e métodos que visam a incluir o aluno especial na sala de aula, inclusão esta que foca a felicidade do aluno, a aceitação deste, para que aluno não se sinta sozinho na sala de aula, adquirindo uma visão positiva da escola, como uma segunda casa, onde tenha amigos e conhecimentos.

Educação inclusiva é aquela que faz o aluno se sentir bem na sala de aula, se sentir igual a todos, não importando sua deficiência, porém respeitando os limites de cada um. Daí a ideia de incluir através da leitura, por meio dos contos de fadas, considerados leituras importantíssimas para as crianças. Esses clássicos da infância, a exemplo dos contos de Andersen, são importantes por destacarem o social das crianças.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, Hans Christian. **Biografia**. Disponível em: <<http://www.portalsao francisco.com.br/biografiadeAndersen>>. Acesso em: 19/08/2010, às 8:30h.

_____. **Biografia**. Disponível em: <<http://www.wikipedia.com.br/biografia de Andersen>>. Acesso em: 19/08/2010, às 8:35h.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**. gostosuras e bobices. 5. ed. São Paulo: Ed. Scipione, 2004.

BAMBERG, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Disponível em: <<http://www.portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>>. Acesso em: 19/08/2010.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil**. Teoria e prática. São Paulo: Ed. Ática, 1988.

DISNEY, **A Pequena Sereia**, EUA: film.80 mim, 1987.

FOUCAULT, Michel. Em Defesa da Sociedade. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2004.

GÊNEROS LITERÁRIOS. Disponível em: <<http://www.regina.celia.nom.br/lit.1gêneros literarios>>. Acesso em: 17/07/2008, às 20:20h

LEVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia**. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/da/vagner/antropo>>. Acesso em: 19/08/2010, às 8h.

